

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA  
E LITERATURA

LUCIMEIRE APARECIDA DE ALMEIDA BARBOSA

**O perfil feminino no conto Lenda de Namarói de Mia Couto**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA - PR

2020

LUCIMEIRE APARECIDA DE ALMEIDA BARBOSA

**O perfil feminino no conto Lenda de Namarói de Mia Couto**

Monografia de Especialização apresentada ao Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná como requisito parcial para obtenção do título de “Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura” - Orientador: Professor Marcelo Franz.

CURITIBA - PR

2020

# TERMO DE APROVAÇÃO



Ministério da Educação  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
Ensino de Língua Portuguesa e Literatura



## O perfil feminino no conto Lenda de Namarói de Mia Couto

por

### LUCIMEIRE APARECIDA DE ALMEIDA BARBOSA

Esta monografia foi apresentada às 13:00 do 11 de setembro de 2020 como requisito parcial para a obtenção do título de **Especialista no Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura** – Polo de Osasco - SP, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Curitiba. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho **APROVADO**

Marcelo Fernando de Lima

Marcelo Franz

marcio matiassi cantarin

a autenticidade deste documento pode ser verificada através da URL:  
<http://certificados.utfpr.edu.br/validar/6EF4AA57>

## **DEDICATÓRIA**

Dedico aos meus familiares, noivo e amigos pelo incentivo, suporte e motivação dados a minha vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos os professores que influenciaram a trajetória de minha vida, em especial ao professor e orientador Marcelo Franz com quem compartilhei momentos de angústia e dúvidas sobre o desenvolvimento do trabalho.

Com muita satisfação, dedico este trabalho a todos que de alguma forma contribuíram como fonte de inspiração, suporte e apoio.

## RESUMO

BARBOSA, Lucimeire. O perfil feminino no conto “Lenda de Namarói” de Mia Couto. 2020. 30 f. Monografia (Ensino de Língua Portuguesa e Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná. Curitiba, 2020.

O presente trabalho propõe uma análise sobre o perfil feminino no texto “Lenda de Namarói” de Mia Couto. Trata-se de uma narrativa em primeira pessoa realizada por uma mulher, ao nos transportar a um tempo lendário onde as mulheres eram os únicos seres humanos do mundo. Da infertilidade de algumas, nasceram os primeiros seres do sexo masculino, seres que não se reproduziam. Essa história ancestral, demonstravam a predominância do homem que constituía a civilização contemporânea, onde a mulher é reinterpretada na sociedade primordial. Os mitos de homens do mundo dito civilizado, o ser feminino seria marcado por uma falta, ou seja, ausência. A escrita de Mia Couto é criativa, reinventa olhares, não segue um caminho principal, traz ao leitor outras paisagens. A “Lenda de Namarói” conto africano, tem a intenção de designar uma reflexão sobre o desenvolvimento social na representação da mulher bem como quebrar padrões que já não são úteis para o século XXI.

**Palavras-chave:** Conto. Moçambique. Mulher. Reconhecimento.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	7
2	A LENDA DE NAMARÓI: A CRIAÇÃO DA MULHER E DO HOMEM.....	9
3	A LINGUAGEM DE MIA COUTO.....	14
4	UMA REFLEXÃO SOBRE A MULHER E A LENDA DE NAMARÓI.....	17
5	A ANÁLISE E IDENTIDADE DA MULHER .....	19
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	21
	REFERÊNCIAS .....	22

## 1 INTRODUÇÃO

A literatura tem sido uma das formas de leitura privilegiada para as pessoas refletirem, o intuito é abranger o tempo ancestral e o atual demonstrando a evolução da mulher na sociedade perante sua identidade e reconhecimento.

A obra de Mia Couto representa a concepção específica do povo africano, direcionando as moçambicanas com trejeitos autênticos e mostrando a sua importância no mundo. No presente trabalho é possível notar ao decorrer da escrita o estímulo a reflexão sobre a notoriedade da identidade da mulher na sociedade, sem abolir as raízes moçambicanas, destacando os valores, evidenciando uma nova ordem política, social e moral.

As personagens criadas vivem em espaços mais simples, num tempo antigo, mesmo contendo essas características o conto nos faz refletir sobre a imagem da mulher de ontem e de hoje e o quanto buscou no decorrer desse percurso notabilidade sobre a identidade feminina.

No conto as mulheres conseguem marcar seu espaço na narração pela função que assume, pelo discurso dito e com a atitude demonstrada. Devido aos momentos vividos de submissão ficam divididas entre isso e a rebeldia, assim como entre a tradição e a modernidade.

As mulheres moçambicanas representam a todas no mundo, procuram ultrapassar as contrariedades para serem reconhecidas na sociedade.

Para o desenvolvimento da humanidade era preciso replanejar culturalmente em relação ao gênero. Nesse conceito era possível progredir para o novo paradigma.

Precisamos efetivamente de uma nova experiência fundacional, de uma nova espiritualidade que permita uma singular e surpreendente nova re-  
ligação de todas as nossas dimensões com as mais diversas instâncias da  
realidade planetária (...) Só então será possível o desenho de um novo  
modo de ser (BOFF, 1995, p. 119).

A narrativa da lenda traz consigo uma marcação de um tempo original, que produz uma situação própria da oralidade, onde a expressividade da voz tem o domínio da palavra escrita e nota-se no texto a comunicação entre o presente do ouvinte e do leitor. A voz do texto narrado que se manifesta na estória é recebida por uma mulher através dos antepassados. A mulher a quem foi dada a autorização de fala, enfrenta o desafio como um griô, relata sobre a sabedoria concedida através de um sonho narrado em primeira pessoa, nos transporta a outro tempo, onde as mulheres eram as únicas presentes no mundo. Algumas delas eram inférteis, disso surgiram os primeiros homens, estes não tinham a capacidade de se desdobrarem em



outros indivíduos. A mulher gerou o homem e a própria mulher porque possui a fertilidade. Devido a isso é lhe dada a importância merecida e se atribui o papel de geradora da vida.

Aconteceu então o seguinte: as restantes mulheres pegaram nossas inférteis e as engoliram inteiras. Ficaram três dias cheias dessa carga, redondas de uma nova gravidez. Passado esse tempo as mulheres que haviam engolido as outras deram à luz. Esses seres que estavam dentro dos ventres ressurgiram, mas sendo outros, nunca antes vistos. Tinham nascido os primeiros homens. (COUTO, 1994, p.67).

E assim surgiram os homens. A atitude das mulheres passa a impressão de ser horrenda, engolem as mulheres inférteis ao notarem que não devolviam a sementes ao mundo. Com isso é possível notar o surgimento do homem e da mulher. O conto inverte as histórias popularmente conhecidas no mundo, fazendo com que a mulher apareça como original e o homem como sua criação.

O ponto central da lenda possui diversos fatos contendo mudanças, passagens, desenvolvimento e superação. Em um parágrafo da história, é dado poder ao gênero ao ser permitida à mulher a posse da fala e da fertilidade pela própria capacidade. O gênero masculino, passa por um processo de transformação após rejeitar a sua origem, se identifica na diferença, reage no confronto e na separação. Passam a viver de modo primitivo.

A abordagem deste tema se faz necessária para apresentar novas versões para um mito, resgatando tradições nas quais as mulheres são soberanas. O texto subverte a compreensão tradicional da mitologia bíblica refutando o mito de o homem ter sido gerado à semelhança do Criador e fornecido material fundamental para a criação da mulher. Deste modo, a narrativa de Couto desmistifica a posição do homem, que no texto é apresentado como concebido através de uma fatalidade, demonstrando a força e superioridade da mulher em contextos de dominação masculina.

A escolha da narrativa para analisar o perfil feminino e identificar suas características, encaixa-se na proposta de associar o antigo com o atual.

Segundo Moisés (2004), o termo “lenda” informa que o texto escrito veiculará uma manifestação oral, advinda da tradição, cuja origem está num “fato histórico” que foi amplificado e transformado pela imaginação.

O objetivo consiste em conhecer e compreender a concepção das personagens femininas no conto. Deste modo, a intenção é elaborar um trabalho com conceitos e ideias-chave sobre a identidade da mulher, apresentando um estudo eficaz sobre a obra de Mia Couto. No texto de Couto é notada a submissão da mulher, utilizando como meio uma pesquisa bibliográfica para fundamentar o estudo da “Lenda de Namarói”, para explicar como

as mulheres são silenciadas desde tempos tradicionais, um problema acentuado depois das colonizações. O que chama atenção na história é que o autor dá voz à mulher em suas narrativas, desenvolvendo a construção da imagem feminina e como são utilizados meios do realismo mágico ou fantástico para criação dessas personagens.

A metodologia baseia-se em determinadas teorias e concessões literárias, contribuindo para a concretização do trabalho. Assim, foi decidido o uso “A Lenda de Namarói” para estudo da imagem feminina. A metodologia passará por variados momentos. Aprofundamento sobre os conceitos-chave, podendo ampliar o conhecimento do leitor. O método implica primeiramente em uma reflexão sobre a imagem feminina no conto e a busca de sua identidade com o merecido reconhecimento, pretendendo produzir uma ideia mais concisa do contexto social da mulher no conto de Mia Couto. A interpretação, podendo dessa forma entender uma realidade vivida pelas mulheres Moçambicanas e o esforço por seu reconhecimento. Simultaneamente, terá textos, notas e esquemas para ordenação do material, com intuito de obter as matérias fundamentais sobre a personagem feminina. Por fim, terá capítulos explicativos contendo estudos sobre a mulher no tempo ancestral e no atual. A organização do sumário, resulta do conteúdo pesquisado de forma a atender e corresponder sobre o tema escolhido.

## **2 A MULHER E A “LENDA DE NAMARÓI”**

Em “Lenda de Namarói” será tratado como conceitos-chave: a mulher no conto de Mia Couto, a narrativa e o desembaraçar da imagem feminina na sociedade.

As pessoas produzem textos narrativos, pois contam histórias, recontam, narram e ainda há formas de contar sendo não-verbais como pinturas ou teatros, por exemplo. O conto pertence ao modo narrativo, desperta a curiosidade de quem lê ou escuta, a narrativa é breve, poucos personagens e um fato central.

A mulher enfrenta vários obstáculos com estereótipos, discriminação em função do sexo, constrangimentos familiares, variação salarial, entre outros. O propósito é exhibir o papel da mulher na sociedade onde são destinadas a buscar a equivalência ou equiparação as atividades pré destinadas aos homens.

O prestígio do universo feminino encontrado nos contos de Mia Couto é evidente. Ganham espaço e seu reconhecimento pelo escritor é apreciável. É possível aprender através dos contos a importância das personagens femininas constatando a luta pela importância de ser notada.

A personagem protagonista assume no conto uma posição crucial, recebe a permissão para contar o que sonhara.

Sou mulher, preciso autorização para ter palavra. Estou contando coisas que nunca soube. Por minha boca falamos, no calor da febre, os que nos fazem existir e nos dão e retiram nossos nomes. (COUTO, 1994, p. 67).

Na frase “sou mulher, preciso de autorização para ter palavra” percebe-se a falta do conectivo, como se fosse um corte na formulação da fala. Demonstra a carga da oralidade no texto, como um dialeto. É possível comprovar, quando há a solicitação da tradução da narrativa, no sentido de traduzir da oralidade para o registro escrito. “Agora, o senhor me traduza, sem demoras” (COUTO, 1994, p. 67). Ao receber a voz clama que a “tradução” seja rápida, pois tem plena consciência da sua fragilidade, pois não demoraras muito para ser uma pessoa destituída da voz novamente.

Considera-se o homem superior à mulher na cultura tradicional africana, porém ela tem sua valorização e sua importância respeitada por ter o papel de geradora da vida.

Mia Couto explica que a “Lenda de Namarói”, foi pensada como um relato do presente, futuro e passado. Por isso enfatiza a importância da oralidade na cultura letrada. Cita a questão do chefe tradicional pertencente ao seu ambiente:

O poder que têm os chefes tradicionais, embora eu não goste do termo, ‘chefes tradicionais’, no poder rural continua presente. Este é um país rural, um país dominado pela oralidade, é um país em que a governação moderna só administra uma faixa, um verniz. De resto, é governado por outras forças, por outras lógicas (COUTO, 2002).

No mundo, há séculos as mulheres lutam para terem valorizadas a sua identidade, sempre se viram agredidas ou silenciadas por diversas situações históricas desfavoráveis. Trata-se de uma questão de construção social pautada na luta pelo reconhecimento:

Subjetividades não são identidades únicas e simples, mas são multidimensionais. A formação do sujeito toma lugar dentro de uma rede de indicadores que estão associados a uma série de categorias biológica, social e cultural como idade, gênero, etnicidade e classe. De fato, as diferentes dimensões do indivíduo, ambas objetivas e subjetivas, ambas sociais e culturais, parecem ser aspectos irredutíveis de seu/sua identidade (PEDRO, 1997).

Na lenda a voz feminina narra a versão de um mito que faz a separação entre homens e mulheres. O relato é recebido por ela, através dos antepassados, durante o momento em que ela estava doente.

No início dos tempos só havia mulheres. As inférteis eram engolidas pelas demais, gerando homens. Esses novos seres, mantêm a infertilidade. A narrativa declara:

Estas criaturas olhavam as progenitoras e se envergonhavam. E se acharam diferentes, adquirindo comportamentos e querendo disputas. Eles decidiram transitar de lugar (COUTO, 1994, p. 67).

Essas criaturas que sentiam vergonha por serem diferentes de suas progenitoras, vão para o outro lado do riacho separando os grupos. As mulheres tinham conhecimento do fogo, enquanto os homens se alimentavam de comidas cruas.

Passaram o regato, emigraram para o outro lado do monte Namuli. Assim que se assentaram nessa outra terra viram que o fiozinho de água engrossava. O regato passava a riacho, o riacho passava a rio. Na margem onde se transferiram os homens comiam apenas coisas cruas. E assim ficaram durante tempos. Uma certa noite eles viram, do outro lado, o acender das fogueiras. As mulheres sabiam colher a chama, semeavam o fogo como quem conhece as artes da semente e da colheita (COUTO, 1994, p, 67).

Ao afastarem-se de suas progenitoras, na terra cria-se uma fissura. O que era um filete de água vira um rio e faz a divisão entre os gêneros.

Revela uma alma masculina querendo posse e poder, não aceitam ser diferentes de suas progenitoras, ativam comportamento de posse e disputa. Então necessitaram ocupar outro espaço.

O homem atravessou o rio para buscar fogo, porque as chamas não poderiam atravessar para o outro lado. Contudo, ao fazer a travessia ficou exausto e na margem uma mulher o acolheu. Confessou para a mulher a intenção de pegar o fogo.

As mulheres possuem a sabedoria, o conhecimento da chama, capazes de dar calor e gerar a vida. Mistérios que se apresentam através desse fogo, encontrado na mulher.

No contato com a mulher, a fim de obter o conhecimento do fogo, o homem revela "desejos, invejas e intenções", numa amostra do sentimento de inferioridade por não saber "[...] colher a chama.

As mulheres têm uma parte vermelha: é dela que sai o fogo. Então, o Muene que chefiava os homens mandou que fossem buscar o fogo e lho entregassem intacto. E dois atravessaram o rio para cumprir a ordem. Mas eles desconseguiram. [...] Desiludido, o chefe atribuiu-se a si mesmo a missão. [...] A mulher disse: - O fogo é um rio. Deve-se colher pela fonte. [...] Era de noite, a mulher chamou Muene e fez com que se deitasse sobre a terra. E ela se cobriu nele, corpo em lençol de outro corpo. (COUTO, 1994, p. 68).

Observando as duas margens: na margem das mulheres não havia necessidade de uma líder, cada uma sabia a sua função. Havia compaixão, acolhimento, agiam no coletivo e tinham a possibilidade de gerar vidas. A margem dos homens aderem a hierarquia, o poder, mesmo sem o ter de fato. Por isso era necessário um Muene para dar as ordens.

Os homens tentam trazer o fogo para o seu lado da margem, mas não conseguem. Enfatizam que o fogo não tem competência para fazer tal travessia. O fogo do qual as mulheres dão a luz, resiste ao processo de dominação. Os homens querem dominar o fogo, acreditam ter essa capacidade de reter o fogo e o poder, porém as mulheres são as únicas de fato que possuem esse poder. O poder sobre o outro e o de gerar vidas na forma incondicional de doação.

A mulher dá a vida, mas essa vida não pode desenvolver longe do corpo feminino. Mesmo estando vivos biologicamente do outro lado da margem, não possuem o conhecimento necessário, pois não compreendem o que é esse fogo que tanto desejam.

A mulher ensina o Muene que para colher o fogo é necessário a colheita da fonte. De outra forma seria em vão. O homem admite a falta de conhecimento do local da fonte, atestando assim, sua incapacidade de criar o fogo, o calor e a vida. O Muene é direcionado pela mulher, pois nela há a sabedoria e o poder de gerar.

Enquanto os homens pensam ter o poder do mundo, evidenciando a forma hierárquica com que se conduzem na outra margem, que contém o poder, o conhecimento e a força é a mulher, pois só ela sabe e pode passar o fogo. Ela ordena que o homem se deite sobre a terra “corpo em lençol de outro corpo”, realizam o ato sexual. O fogo é oferecido no cuidar, na compaixão e a vontade de dar ar, luz e vida ao outro.

Nesse contexto fica claro que a mulher é o fogo e as características que essa palavra pode comportar. A mulher não diz como alcançar, mas mostra a forma de tê-lo. A mulher é afeto, carinho, sabedoria, conhecimento, entre tantos outros.

Com os ensinamentos da mulher, o homem entedia e recebia a sabedoria da fonte, e para que o fogo fosse colhido era fundamental o ato de amor.

Os ensinamentos da mulher continuam, através de gestos:

A mulher, no fim, lhe beijou os olhos e neles ficou um sabor de gota. Era uma lágrima de sangue, ferida da terra. A lágrima chorava, clamando que se costurassem as duas margens em que sua carne se havia aberto. A mão dele se ensonou sobre o suave abismo dela (COUTO, 1994, p. 68).

O beijo da mulher é um ato de carinho, mas também um ato de alerta a tudo que ele era e acreditava. O Muene entendia que a lágrima de sangue que caía era a necessidade da junção das duas margens para que unissem os corpos separados.

O corpo da mulher era como se fosse a terra e a natureza, a fissura aberta como se fosse o corte do cordão umbilical. O homem sonha com sua independência, buscando o seu poder, mas quando se encontra perdido retorna as margens onde encontra o colo maternal. O fogo que gerou a vida do homem e o reencontra agora é o mesmo que o fez sangrar.

Essa mulher traz consigo a diversas faces: amiga, mãe, etc. Fica claro a necessidade que a alma masculina tem da feminina para sobreviver, que necessita de amor. No conto expõe:

Anichado no colo da mulher, o homem desfiou o seguinte sonho: que ele era o último homem. E que daquele cruzar de corpos que experimentara aquela noite ele se ferira, seu corpo se abriera, veia escancarada. Ele vê o sangue se espalhar no rio e desmaia. Quando recupera vê que a inteira água do rio se convertera em sangue. Segue o curso do rio e repara como o vermelho se vai espessando, líquido em coágulo, coágulo em massa. Uma figura humana se vai formando. Aos poucos, nasce uma mulher. E, no imediato, o rio volta a escorrer, água límpida e pura. Esse foi o sonho. Do qual o muene se esqueceu mesmo antes de acordar (COUTO, 1994, p. 68).

O ferimento do homem diz respeito a compreensão e ao ver o mundo, entender a origem do fogo e de tudo que há no universo. Mas esquece tudo antes mesmo de acordar, retomando a sua crença masculina.

O chefe madrugou e regressou à sua margem. Na passagem viu que o rio se acalmara, águas em jamais visto sossego. O homem chegou aos outros, sôfrego como se tivesse desaprendido respirar. Os outros lhe olharam, admirados. Trazia ele um fogo dentro de si? O muene ainda procurava o fôlego:

— Ouçam: lá do outro lado... E tombou, sem mais (COUTO, 1994, p. 68).

O rio não estava mais agitado, estava manso. A mudança que acontecerá no chefe refletia nas águas. O chefe trazia na alma o fogo que aprenderá a colher e trazia uma parte da alma feminina. O fogo só poderia realizar a travessia dentro do corpo, mas para isso era necessário recebê-lo e colhê-lo. Tombou fadigado daquilo que tivera na noite anterior.

Os demais homens queria emanar da mesma chama que o Muene:

Os outros foram, mandados pelo bicho de quererem saber. Passavam depois de o sol se esconder. De cada vez que um regressava o rio estreitava, mais a jeito de riacho. Afinal, havia uma margem desconhecida da noite, o outro lado da vida (COUTO, 1994, p. 69).

Os homens queriam saber o que acontecera com o Muene, saber como trazer e reter o fogo e o que havia lá além das mulheres. Cada vez que os homens atravessavam o rio, eram aquecidos pelo fogo do feminino. A cada visita estavam passíveis de receber o fogo, a cada nova colheita as margens se aproximavam, até virar novamente um fiozinho.

E um por um, todos realizaram a visita, para além do rio. No final, o curso de água voltou a ser o que tinha sido: um fiozito, timiúdo. O mundo já quase não dispunha de dois lados. Os homens, aos poucos, decidiam ficar no território das mulheres. Na outra, antiga margem, nenhum homem restou (COUTO, 1994, p. 69).

A narrativa de Mia Couto traz as características da cultura, tradições e crenças africanas, uma sociedade ambientada com as dificuldades socioeconômicas. A “Lenda de Namarói” desempenha uma função significativa em resgatar e, ao mesmo tempo revira a realidade reproduzindo-a dentro do mundo literário traçado pelo encanto, atração e sedução.

Entretanto, no início da lenda é possível identificar uma regressão no processo de liberdade da mulher, que é delimitada na comunicação com o mundo, tendo conhecimento do passado somente em alienação febril.

No desembaraçar do tempo a mulher começa a ingressar no mundo do trabalho, uma das formas de lutar a favor da igualdade, espera que a discriminação acabe, porém a posição de liderança para a mulher ainda é bastante limitado.

### **3 A LINGUAGEM DE MIA COUTO**

Mia Couto, renomado escritor moçambicano, demonstra de forma natural e poética, em cada palavra escrita, muitas surpresas. A lenda em destaque encontra-se em seu título *Estórias Abensonhadas*, sendo o nome uma fusão de “bem sonhadas” e “abençoadas”.

Nota-se o domínio da figura de linguagem inserida nos textos de forma assertiva. Há passagens que necessitam de destaque para a linguagem, como no trecho: “ficou um sabor de gota.” (COUTO, 1994, p. 68). A passagem tem o intuito de sensibilizar o leitor. O autor é conhecido pelo uso de neologismos: “abensonhadas”, “hiperpopótamo” ou “imargirava”. Elementos simbólicos: a garça branca aparece como símbolo de morte em “Águas do tempo”. Mia Couto, oscila entre a tradição e a originalidade. Em sua obra *Estórias Abensonhadas* mostra em seu cenário histórico, pós guerra civil, o quanto sua linguagem poética tem um destaque em seu trabalho, aproximando os personagens criados em seus textos da população, tradições, costumes e cenários de Moçambique.

Mitos e símbolos são peças fundamentais dos contos de Mia Couto, como forma de tradução ao conhecimento contemporâneo do ser humano, com a intenção de encontrar similaridades e diferenças. Segundo Rocha (2006), mito é uma narrativa. É um discurso, uma fala. É uma forma de as sociedades espelharem suas contradições, exprimirem seus paradoxos, dúvidas e inquietações. Pode ser visto como uma possibilidade de se refletir sobre a existência, o cosmos, as situações de "estar no mundo" ou as relações sociais.

O mito está localizado num tempo muito antigo, "fabuloso". Nos tempos da "aurora" do homem; ou, pelo menos, os homens o colocam nos seus tempos da "aurora" fora da história; o mito não fala diretamente, ele esconde alguma coisa. Guarda uma mensagem cifrada. O mito precisa ser interpretado. Finalmente, o mito não é verdadeiro no seu conteúdo manifesto, literal, expresso, dado. No entanto, possui um valor e, mais que isto, uma eficácia na vida social (ROCHA, 2006).

É um conto apresentado com muito simbolismo e mito.

O processo criativo de Mia Couto envolve não só as personagens, a poesia, o uso inovador da língua, os provérbios, os elementos naturais e sobrenaturais de Moçambique, mas também todo o contexto colonial e pós-colonial do país, os quais estão intrínsecos ao escritor, por ele ter vivido e ainda viver este processo de construção identitária. Assim, Mia Couto emenda, apaga e enfeita a sua vida, como também a vida de uma nação inteira, através literatura (BRATKOWSKI, 2014, p. 215).

Mia Couto cria suas narrativas baseadas em símbolos da tradição local. Demonstra a construção desse texto de forma surpreendente. Por exemplo, a explicação sobre o surgimento da circuncisão:

Cortavam os filhos para que eles entrassem no mundo e se esquecessem da margem de lá, de onde haviam migrado os homens iniciais. E assim se iludiram ter poderes iguais aos das mulheres: geravam tanto como elas. Engano deles: só as mulheres cortavam o laço de uma vida em outra vida. Nós deixamos assim, ainda hoje eles continuam atravessando a correnteza do rio para buscar em nós a fonte do fogo. (COUTO, 1994, p. 69).

Os mitos se definem de maneira única pela referência ao tempo fascinante dos primórdios, onde os antepassados tribais deixam marcas de costumes, crenças, valores e realidades do momento.

O mito conta uma história sagrada, relata um acontecimento que teve lugar no tempo primordial, o tempo fabuloso dos "começos". Noutros termos, o mito conta como, graças aos feitos de Seres Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, quer seja a realidade total, o Cosmos, quer apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narração de uma "criação": descreve-se como uma coisa foi produzida, como começou a existir. (ELIADE, 1994, p. 11).



Mia Couto traz uma linguagem simples e poética. As frases são curtas e a pontuação é usada com frequência. A leitura aparenta ser mais pausada. Mia Couto usa as figuras de linguagem inserindo-as no decorrer do texto e de forma cuidadosa, sem perder o sentido na estória. Ainda em sua escrita, há a intenção de destacar algumas passagens, redundante “solitária e sozinha” (COUTO, 1994, p. 58).

Mia Couto é o que se entende por ‘escritor da terra’ associado a um pensamento cosmológico em que pessoa é a própria humanidade. Na sua expressão única, escreve e descreve as próprias raízes do mundo, explorando a natureza humana na sua relação umbilical com a terra e as suas divindades (FELINTO, 2012).

Resgatando a originalidade em relação ao tempo e lugar, o escritor, recria em sua lenda com personagens se baseando no povo de Moçambique, contendo as tradições, costume e o cenário de forma que o leitor consiga imaginar.

No conto de Mia Couto, ele tem a capacidade de integrar as características da tradição oral nas estórias onde o real se mistura com o imaginário e gera uma nova expressão literária.

Os textos de Mia Couto evidenciam as mulheres, inclusive em a “Lenda de Namarói”, onde a narração é realizada como meio de resistência e mudança. As personagens femininas demonstram as desigualdades pelas quais passam, e sendo consideradas inferiores.

Um dos aspectos problemáticos das organizações de gênero do sistema patriarcal reside em sua organização assimétrica. O sujeito masculino é sempre definido a partir de uma posição central, de maneira mais positiva e independente do que o feminino [...]. Como consequência disso, as mulheres tradicionalmente defrontaram-se com representações do feminino construídas a partir do olhar masculino. (SCHNEIDER, 2000, p. 119-120).

A linguagem de Mia Couto tem a intenção de resgatar a memória e a cultura do povo Moçambicano. Retoma a originalidade como tempo e lugar, o autor recria em seus contos as personagens que se aproximam da realidade, inserindo as tradições, costumes, cenários, com isso o leitor consegue imaginar de forma mais clara a imagem de fundo da narrativa. “Uma certa noite eles viram, do outro lado, o acender das fogueiras” (COUTO, 1994, p. 67). Em poucas palavras, é possível criar na imaginação o cenário, sem o uso de uma descrição detalhada.

#### 4 UMA REFLEXÃO SOBRE A MULHER E A “LENDA DE NAMARÓI”

Uma narrativa polêmica provoca debates, por ser uma lenda que descreve a criação do mundo a partir da mulher, os primeiros seres a habitarem o mundo, contada com figuras e símbolos fabulosos e surreais.

A “Lenda de Namarói”, do escritor moçambicano pós-moderno Mia Couto, é uma narrativa, cuja estrutura mitológica também apresenta a mulher no centro dos acontecimentos, num universo tribalista, e, já de início, é apresentado o seu papel social dentro desse tipo de sociedade (ALVES, 2012, p.2).

Após início da obra, o leitor consegue perceber que a mulher vive em segregação, notando a ausência da liberdade de expressão. É possível observar na narrativa que a narradora dialoga com um homem. "Agora, o senhor me traduza, sem demoras", em destaque: "Não tarda que eu perca a voz que agora me vai chegando" (COUTO, 1994, p. 67). Apesar de não ser diretamente ligada as histórias bíblicas, há uma assimilação de fatos da parte da criação. A Bíblia afirma que Deus fez o homem no sétimo dia, "[...] modelou-o com a argila do solo, soprou-lhe nas narinas um sopro de vida e o homem tornou-se um vivente. Deus fez cair um torpor sobre o homem e ele dormiu. Tomou então uma costela do homem e no lugar fez crescer carne. [...] Depois [...] modelou uma mulher, e apresentou-a para o homem" (GÊNESIS, 1:2; 2:3). O homem foi criado semelhante a imagem do Criador, sendo fornecedor de uma parte do corpo para a criação da mulher, com a função de fazer-lhe companhia e ser geradora da vida. Na lenda, a mulher surge por si mesma e o homem é o produto de um contratempo, o homem tem essa noção tanto que, ao olharem "[...] as progenitoras [...] se envergonhavam. E se achavam diferentes, adquirindo comportamentos e querendo disputas" (COUTO, 1994, p. 67).

A mulher surge na sociedade antes da dominação masculina, sendo que ela tinha total liberdade para se expressar. Para buscar a sabedoria do fogo, o homem necessitava da mulher. O autor volta ao passado com intuito de ironizar a parte obscura do mundo real, numa hipótese cativante de um mundo fascinante, no entanto há uma brecha na qual a mulher é submetida pelo homem.

O texto apresenta além da submissão da mulher, narrações como meio de mudança e resistência. Relaciona-se a narrativa do folclore Moçambicano e do Livro de Gênesis, com realce a figura da mulher e sua representatividade.

Ela desenvolveu melhor que o homem uma consciência aberta e receptiva, capaz de ver o caráter sacramental do mundo e, por isso, de ouvir a

mensagem das coisas, os acenos de valores e significados que vão para além da simples decifração das estruturas de inteligibilidade (BOFF, 1995, p. 53).

Para o leitor a história se passa em um tempo distante, que chegará na atualidade nas palavras de um griô moderno. A transmissão oral de uma lenda engloba informações num processo contínuo de atualizações, porém o sentido exemplar original continua sendo mantido.

Quando dizem que você é um griô, significa que você se comprometeu a guardar as histórias, a guardar uma genealogia, e viver como um registro vivo, com instrumentos, elementos e rituais de iniciação. É como um historiador que trabalha com o canto e a memória (MEIRELES, 2018).

Considerada uma lenda da história ocidental judaico-cristã, o enredo é comparado ao de Adão e Eva.

É importante ressaltar que “Lenda de Namarói” é um conto que se apresenta carregado de simbolismos, a partir dos quais se pode lê-lo como uma peça alegórica da história ocidental judaico-cristã de Adão e Eva. Mas também pode ser relida, levando em consideração os seus elementos “oralizantes” como o fogo de Prometeu (MIRANDA, AMBRÓSIO, 2014, p. 6).

Segundo o criacionismo judaico-cristão, o Senhor Deus declarou: “[...] Não é bom que o homem esteja só; farei para ele alguém que o auxilie e lhe corresponda [...]” (BÍBLIA, 2000). “No princípio, todos éramos mulheres. Os homens não haviam” (COUTO, 1990).

Nessa lenda a criação, destitui-se por Deus, onde só havia mulheres e se bastavam. O grupo de seres inférteis se sentiam envergonhados por não serem iguais suas criadoras, por isso se separavam de sua geradora. Os homens sempre buscaram copiar as mulheres, pois queriam encontrar nelas o que não tinham, havia na espécie a frustração de não poder gerar outro ser.

A narradora não tem identificação na lenda, as características como quem ela é ou sua história de vida são ignoradas, existindo somente a possibilidade de narrar. Enquanto mulher sabe que sua existência é essencial à da narrativa. Sua vida existe e coloca significação no contar. Narra o relato mítico e se torna o que conta. Através da sabedoria sagrada, ela diz:

No princípio, todos éramos mulheres. Os homens não haviam. E assim foi até aparecer um grupo de mulheres que não sabiam como parir. Elas engravidavam, mas não devolviam ao mundo a semente que consigo traziam. (COUTO, 1994, p.67).

A expressão “princípio”, passa ser o agora, através de sua narração é possível perceber a ligação do passado com o presente, especialmente quando cita “todos nós éramos mulheres”, enfatizando que todos os seres eram como ela, mulher. Ou seja, é a origem do

mundo. Se reconhece como ser que age e constrói o mundo tal como as primeiras mulheres o fizeram. Não há explicação de como surgiram no mundo ou de onde vieram. Elas apenas existem.

E os tempos circularam. Um dia uma mulher deu à luz. Os homens se espantaram: eles desconheciam o ato do parto. A grávida foi atrás da casa, juntaram-se as outras mulheres e cortaram a criança onde ela se confundia com a mãe. Decegado o cordão, o um se fez dois, o sangue separando os corpos como o rio antes cindira a terra (COUTO, 1994, p.69).

O ato do parto era mais um dos saberes e poderes da mulher e que os homens não poderiam aprender e compreender. Ao verem isso, se revoltam e assumem a posição de disputas e comparações novamente.

Os homens viram isto e murmuraram: se elas cortam nós também podemos. Afiaram as facas e levaram os rapazes para o mato. Assim nasceu a circuncisão. Cortavam os filhos para que eles entrassem no mundo e se esquecessem da margem de lá, de onde haviam migrado os homens iniciais. E os homens se sentiram consolados: podiam, ao menos, dar um segundo parto. E assim se iludiram ter poderes iguais aos das mulheres: geravam tanto como elas (COUTO, 1994, p.69).

Se iludem achando que teriam os mesmos poderes das mulheres, achando que poderiam gerar a vida, eles não entendiam que o dar a vida não estava na ação do corte. O gerar da vida é uma gestação, vai além, abrigar, aquecer e amar.

## **5 A ANÁLISE E IDENTIDADE DA MULHER**

Os resultados alcançados demonstram que a lenda analisada relata sobre a resistência frente ao universo onde a livre expressão feminina era anulada.

Ao iniciar a leitura, percebe-se uma lenda específica. O termo “lenda” informa que o texto escrito veiculará uma manifestação oral, advinda da tradição, cuja origem está num “fato histórico” que foi amplificado e transformado pela imaginação (MOISÉS, 2004).

A “Lenda de Namarói”, relata que no início de tudo só existia as mulheres, além disso, “Deus já foi Mulher” (COUTO, 2012, p.13). Desse fato é impossível criar um mundo sem a mulher, porém, com a possibilidade de um mundo melhor, sem as marcas que trazem dos antepassados que as condenam.

Em Moçambique as mulheres sempre foram tratadas como seres inferiores aos homens. Não sendo agentes na maior parte da cultura onde estão inseridas, recebendo pouco amor e bastante sofrimento de seus maridos. São seres a quem foi tirado o direito a participar na vida pública do país. “Segundo a lei consuetudinária as mulheres não eram pessoas no

sentido legal. Não podiam, por exemplo, comparecer nos tribunais, tendo sempre de ser representadas pelo seu tutor masculino” (ISAACMAM, STEFHAN, 1984, p.11).

O texto tem início com uma frase marcante: “ Inspirado no relato da mulher do régulo de Namarói, Zambézia, recolhido pelo padre Elia Ciscato” (COUTO, 1994, p. 67). O conto é apresentado na oralidade. A estória segue com a seguinte pronúncia da personagem:

Vou contar a versão do mundo, razão de brotarmos homens e mulheres. Aproveita a doença para receber a sabedoria: o que vou contar me foi passado em sonho pelos antepassados. Não fosse isso nunca eu poderia falar (COUTO, 1994, p.67).

Quando cita que vai contar a versão do mundo, a narradora afirma a verdade sobre o mundo, o motivo de “brotarmos” homens e mulheres. A palavra “brotarmos” expressa a relação dos africanos com a Terra para que ele possa existir e habitar na sociedade.

Por conta de uma doença que lhe permitiu, por meio de sonhos, que os antepassados passasse uma revelação. A narradora apresenta sua fala de forma sagrada, pronunciando a verdade sobre o mundo, no modo de olhar e de ser. A personagem recebe a revelação em estado de delírio através dos sonhos. Isso não desvaloriza a veracidade, pelo contrário, por não estar lucida, pode entender algo inexplicável, não podendo ser proferida de outra forma, a não ser a entregue pelos ancestrais.

Os antepassados, seres que habitam a eternidade mítica, quanto ao sonho, através dele os antepassados enviam suas revelações, são importantes para o contexto africano. Caso não houvesse a revelação, a personagem não poderia falar sem permissão.

Nas tradições africanas, a mulher é um ser privado da voz, principalmente a questões como a narrativa mítica. Uma mulher jamais ocupa o lugar de um porta-voz. No entanto, foi escolhida para fazer a revelação e passa a possuir a palavra algo revelado que nunca havia sido para nenhuma outra pessoa.

O texto narrado trata-se de uma estória contada por alguém que repassa um conhecimento coletivo. Essa estória tem como inspiração o relato de uma mulher.

A “Lenda de Namarói” conta sobre o surgimento dos seres humanos na terra, onde homens e mulheres se definem, se juntam e se diferenciam às margens de um rio. A mulher, a qual foi cedida a autorização para falar, apropria-se do papel de um contador de histórias. A lenda corresponde ao mito de aparecimento do homem.

A literatura enfatiza a figura feminina e registra o papel por ela desempenhado na sociedade. Atualmente, a mulher moçambicana faz parte de uma nova construção de uma

identidade nacional e cultural. Porém, além da participação ativa está sujeita ao “poder hegemônico masculino” (ADÃO, 2007, p. 199).

A abordagem permitiu compreender um pouco melhor sobre a construção da identidade da mulher, levando em conta a condição da moçambicana e suas características. Carregam um pesado legado de seus antepassados. Contudo, ela recebe o direito de falar e a partir disso começa a construção de sua própria identidade.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra literária *Estórias Abensonhadas* traz um registro do povo de Moçambique através de uma narrativa simples, respeitando a origem da sociedade. Mia Couto consegue demonstrar as riquezas das memórias e superstições por meio do conto. A linguagem é cheia de simbolismo e mitos.

Através da abordagem realizada no conto é possível compreender um pouco sobre a construção da personagem feminina, tendo como base a própria mulher de Moçambique, pois carregam um legado deixado pelas suas antecessoras e são vítimas das tradições do local.

A “Lenda de Namarói”, traz através da voz de uma moça a identidade feminina moçambicana. A mulher tenta construir sua identidade apesar do que está submetida, manter sua voz calada.

No decorrer da análise, ficou evidente o perfil feminino na história de Mia Couto, através de sua narrativa, por meio de uma linguagem própria, trazendo aspectos da oralidade a sua escrita.

A mulher é evidenciada no conto pelo seu silenciamento, porém recebe a permissão de narrar a história. Nota-se, que a mulher africana apresentada no enredo representa a todas.

Moçambique é representado por uma gama de mulheres com papéis diversos, buscando a resistência e o reconhecimento de identidade.

## REFERÊNCIAS

- ADÃO, Deolinda. “Novos espaços no feminino: uma leitura de Ventos do Apocalipse, Paulina Chiziane”, in Inocência Mata e Laura Cavalcante Padilha (org, de), **A mulher em África**. Vozes de uma margem presente, Lisboa, Edições Colibri, 2007, pag. 199.
- ALVES, Carla Rosane da Silva. **Mamãe grande & mulheres de Namarói: identidades**, 2012. Disponível em: [www.revistaeletronica.unicruz.edu.br](http://www.revistaeletronica.unicruz.edu.br). Acesso em: 10 de maio, 2020.
- BRATKOWSKI, Bianca. **Mia Couto e sua maneira de emendar, apagar e enfeitar a vida através da literatura**, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/view/File/46921/30156>. Acesso em: 05 de maio, 2020.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Nova Versão Pastoral. São Paulo: Bíblia Brasil, 2000.
- BOFF, Leonardo. **Dignitas Terrae. Ecologia: grito da terra, grito dos pobres**. São Paulo, Ática, 1995.
- COUTO, Mia. **Estórias Abensonhadas**. Lisboa: Editorial Caminho, 1990.
- COUTO, Mia. “Lenda de Namarói” In: **Estórias Abensonhadas**. Lisboa: Caminho, 1994.
- COUTO, Mia. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. Lisboa: Caminho, 2002.
- COUTO, Mia. **A confissão da leoa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. 5. Ed. Tradução de Polo Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- FELINTO, Marilene. Mia Couto e o exercício da humanidade, 2012. Disponível em: [http://www.colegiosaofrancisco.com.br/alfa/mia-couto-e-o-exercicio-da-humi\\_idade.php](http://www.colegiosaofrancisco.com.br/alfa/mia-couto-e-o-exercicio-da-humi_idade.php). Acesso em: 22 de maio, 2020.
- [Entrevista disponibilizada em 08 de outubro de 2010, Carta Capital]. 2010. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/educacao/personagem-em-busca-de-um-autor/>. Acesso em: 12 maio, 2020.
- GÊNESIS, 1:2; 2:3. In: Bíblia Sagrada.
- ISAACMAM, Barbara; STEFHAN, June. **A mulher moçambicana no processo de libertação**. Maputo: Instituto Nacional do Livro e do Disco, 1984.
- MOISÉS, Massaud **Dicionário de termos literários**. 12 ed. São Paulo: Cultrix, 2004.
- MEIRELES, Luciana. **Entenda o movimento griô e a importância da ancestralidade na cultura**, 2018. Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/12/12/interna\\_diversao\\_arte,724615/conheca-o-movimento-grio.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/12/12/interna_diversao_arte,724615/conheca-o-movimento-grio.shtml). Acesso em: 12 de maio, 2020.

MIRANDA, Maria Geralda de. AMBRÓSIO, Aneliza da Silva. **Oralidade e transculturalidade na escrita de Mia Couto**, 2014. Disponível em: [https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RU/article/viewFile/1274/pdf\\_89](https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RU/article/viewFile/1274/pdf_89). Acesso em: 12 de maio, 2020.

PEDRO, E. Ribeiro. 1997. **The unbearable lightness of being**. In: Emilia Ribeiro Pedro, E. Ribeiro. (Org.). Discourse Analysis Proceedings of the 1st International Conference On Discourse Analysis. Lisboa: Edições Colibri.

ROCHA, Everaldo. **O que é mito**. Rio de Janeiro, 2006. Editora Brasiliense.

SCHNEIDER, Liane. **A representação do feminino como política de resistência**. In: PETERSON, Michel; NEIS, Ignacio Antônio. (Org.). As armas do texto: a literatura e a resistência da literatura. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.p. 119- 139.